

# EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE MULHERES MESTRANDAS: CAMINHOS EM BUSCA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA

■ NATAL LÂNIA ROQUE FERNANDES

 <https://orcid.org/0000-0002-1600-2153>

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará

## RESUMO

O objetivo, com este artigo, é compreender as motivações e os significados que obter uma formação acadêmica tem para algumas mestrandas do gênero feminino, tomando como base as experiências formativas relatadas em memoriais elaborados como atividade em disciplina de um curso de mestrado profissional. Trata-se de um estudo bibliográfico que toma a abordagem (auto)biográfica e os estudos sobre gênero como aportes teórico-metodológicos e memoriais de formação como *corpus* documental. Foi evidenciado, nos memoriais, que obter a formação acadêmica significou, para as estudantes, uma possibilidade de se tornarem sujeitos de direitos e realizarem o sonho de ocupar os lugares que desejaram ocupar.

**Palavras-chave:** Experiência. Formação. Memoriais. Gênero.

## ABSTRACT

### FORMATIVE EXPERIENCES OF FEMALE MASTER'S STUDENTS: PATHS IN PURSUIT OF ACADEMIC FORMATION

This article aims to understand the motivations and meanings that the pursuit of getting an academic degree has to some female master's students, based on formative experiences reported in memoirs produced as academic activity for a discipline of a professional master's degree program. This is a bibliographical study that takes the autobiographical approach and gender studies as theoretical and methodological foundation and academic formation memoirs as documental corpus. It was evident, in the memoirs, that getting an academic formation meant, to the students, a possibility of becoming subjects of law and fulfilling the dream of occupying the places they desire.

**Keywords:** Experience. Academic Formation. Memoirs. Gender.

## RESUMEN EXPERIENCIAS FORMATIVAS DE MUJERES ESTUDIANTES DE MÁSTER: CAMINOS EN BUSCA DE FORMACIÓN ACADÉMICA

El objetivo, con este artículo, es comprender las motivaciones y los significados que obtener una formación académica tiene para algunas mujeres alumnas de máster, tomando como base las experiencias formativas relatadas en memoriales hechos como actividad en una disciplina de un curso de máster profesional. Se trata de un estudio bibliográfico que toma el enfoque autobiográfico y los estudios de género como aportes teóricos y metodológicos y memoriales de formación como corpus documental. Fue evidenciado, en los memoriales, que obtener la formación académica significó, para las estudiantes, una posibilidad de se tornaren sujetos de derechos y realizaren el sueño de ocupar los lugares que desearon ocupar.

**Palabras clave:** Experiencia. Formación. Memoriales. Género.

### Introdução

As experiências das mulheres brasileiras com o conhecimento foram constituídas por um processo tardio composto de lutas, abdições e sobrecargas de atividades. Atividades essas definidas e impostas pelo sistema patriarcal como próprias da função e do papel da mulher na sociedade. Desde o período colonial, as marcas estabelecidas pelo patriarcado, embora com novas roupagens, provocadas por mudanças políticas, econômicas e sociais, ainda assombram as experiências e o modo de vida das mulheres que, organizadas ou individualmente, permanecem na luta por liberdade e igualdade de direitos.

O gênero feminino, historicamente, tem sido associado ao espaço privado, ao lar, à maternidade e aos cuidados com a família, portanto, o “mundo das letras” não era um espaço apropriado para a mulher. Embora, no início do século XIX, com a promulgação da Constituição de 1824, a instrução primária gratuita a todos os cidadãos tenha sido assinalada, a educação escolar para a mulher não foi além das escolas de primeiro grau, com currículo recheado de

conteúdos direcionados aos afazeres nomeados femininos, tais como: costura, pintura, bordados. Enquanto, para o homem, era ofertado o ensino em níveis mais elevados, como em liceus, ginásios e academias.

Mesmo com a entrada das mulheres no curso normal, o acesso aos estudos de nível superior ainda não lhes era permitido, além disso, o curso não era concebido em nível secundário, como os liceus e os colégios secundários, mas um complemento à instrução primária, de caráter profissional, que se tornou um espaço expressivamente feminino e, conseqüentemente, com currículo que cindia as funções de mestra do ensino primário com as funções e os papéis sociais exigidos da mulher à época. O acesso ao ensino superior acontece a partir do final da década de 1930, quando é assegurado o acesso a alguns cursos ministrados em Faculdades de Filosofia, tais como: Pedagogia, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas, Letras Clássicas, Geografia e História (Saffioti, 2013). A exclusão e a segregação nos espaços escolares condicionadas à

mulher retardaram o acesso ao conhecimento de diversas formas.

A presença das mulheres no espaço acadêmico aumenta progressivamente e, a partir da década de 1970, provoca mudanças no cotidiano das universidades. Rago (1998, p. 90) afirma que “a cultura feminina ganhou visibilidade, tanto pela simples presença das mulheres nos corredores e nas salas de aula, como pela produção acadêmica que vinha à tona”, provocada pela presença de feministas que mudaram a forma de produção de saberes, dando-lhes “novos contornos e novas cores”.

A luta constante dos movimentos feministas por trabalho, estudo, liberdade e tantas outras pautas demandadas pelas transformações econômicas, políticas e sociais, tem desenhado novos cenários na realidade da mulher, nos dias atuais. Parte do novo cenário está desenhado em estatísticas que revelam o crescimento no número de mulheres com graduação completa e na pós-graduação. A pesquisa realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que, entre homens de 25 anos ou mais de idade, 15,1% concluíram a graduação; entre as mulheres do mesmo grupo de idade, o percentual é 19,4%, superando o percentual de homens com instrução completa (Brasil, 2024). Na escada para a pós-graduação, tomando como exemplo o grupo de pesquisadores da Região Nordeste, as mulheres representavam, em 2021, 42% dos estudantes (Brasil, 2023).

Observar o crescimento do número de pessoas do sexo feminino nesses espaços formativos sendo corroborado pelas pesquisas estatísticas, é muito importante para a identidade das mulheres brasileiras que desejam ingressar na carreira acadêmica, e, portanto, ampliar sua participação nos espaços social, político e econômico de poder na sociedade.

Embora as mulheres tenham garantido espaços nos mais diversos setores da sociedade,

como, por exemplo, o acesso à educação, sabe-se que a desigualdade de gênero permanece, na sociedade brasileira. No âmbito da formação acadêmica, embora a presença das mulheres seja superior à de homens, observa-se o crescimento da participação delas nos cursos das áreas de humanas e sociais, em detrimento das áreas de ciências e tecnologias, na qual as mulheres ainda são minoria, caracterizando a disparidade de gênero. Tal desigualdade reforça a cultura acadêmica dos lugares de gênero, ou seja, a maioria das mulheres ocupa espaços nas ciências sociais e humanas e os homens nos espaços das ciências exatas e tecnológicas.

A desigualdade de gênero característica do campo científico impacta negativamente nos desenvolvimentos social, científico e econômico do país. Como demonstrado por Luana Bonone, coordenadora-geral de Popularização da Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTCI), em audiência pública da Câmara dos Deputados, “Nas ciências exatas e da terra, 35% dos bolsistas são mulheres; em engenharias e computação, elas são 33,6% das bolsistas – ou seja, 1/3 apenas [...]”. Segundo a coordenadora, a disparidade de gênero por áreas de conhecimento reflete a divisão sexual tradicional do trabalho (Brasil, 2023).

Tomando-se como exemplo a realidade do curso de mestrado profissional ofertado pelo Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), que atendeu, entre os anos de 2017 a 2023, o total de 134 alunos e alunas, dentre os quais 79 mulheres, pode-se dizer que se trata de um fato recente na história da instituição. Considerando que a origem dos Institutos Federais (IFs) remonta às Escolas de Artes e Ofícios; às Escolas Técnicas Federais; e aos Centros Federais de Educação; espaços

esses considerados historicamente como masculinos, observar o aumento no número de alunas nos IFs representa um feito histórico importante para as mulheres e a instituição<sup>1</sup>.

Com base na problemática sobre as questões de gênero ainda presente na sociedade brasileira e no fato de a maioria dos sujeitos do mestrado do ProfEPT, do polo IFCE, ser mulher, corroborando assim as estatísticas que revelam maior índice de mulheres na graduação e na pós-graduação, é importante refletir sobre quais caminhos as pessoas do sexo feminino inseridas no referido mestrado percorreram até chegar à graduação e pós-graduação. Que significados tem a formação para elas? Quais experiências as constituíram e motivaram na busca por formação e uma profissão? Quais dificuldades, ou desafios, enfrentaram para se formar?

A partir dos questionamentos, o objetivo do presente estudo foi compreender o significado da formação acadêmica para algumas mulheres mestradas do ProfEPT, tomando como base as experiências formativas vivenciadas no percurso em busca de formação acadêmica. O aporte teórico-metodológico ancora-se na abordagem da pesquisa (auto)biográfica (Josso, 2004; Sousa, 2008; Passeggi, 2008) e nos estudos sobre gênero (Saffioti, 2013; Rago, 1998; Heilborn e Rodrigues, 2018), ancorando-se na ideia de gênero como “importante operador para a crítica de situações sociais específicas nas quais as mulheres ainda são subjugadas” (Heilborn; Rodrigues, 2018, p. 10), como os espaços acadêmicos, científicos; o mercado de trabalho; o ambiente familiar, dentre outros.

1 Observa-se, no Anuário do IFCE de 2022, que, no âmbito geral de matrícula, em todos os cursos, embora a predominância seja de pessoas do sexo masculino, o número de pessoas do sexo feminino é relevante, representando 45,8%. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no âmbito nacional, há predominância feminina na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com 57,9% (1,3 milhões) das matrículas (Inep, 2024).

Com base no pensamento de Josso (2004), tomamos o conceito de formação como arte do tempo, como um processo de construção de si e de sentidos ligado à experiência do sujeito com o conhecimento, bem como o conceito de recordações-referências que “são as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade, um encontro” (p.40), que de acordo com Josso (2004) são ou podem vir a ser, experiências formadoras.

Como modo de narração (Souza, 2008) para acessar as experiências formativas das mulheres mestradas adotamos o gênero autobiográfico memorial de formação. Memórias como modos de narração para acessar e conhecer as experiências de formação de homens e mulheres têm evoluído, desde os anos 1930, quando se institucionalizou o seu uso nas universidades brasileiras para avaliação de indivíduos interessados no cargo de professor catedrático, até início dos anos 2000, quando se torna objeto de pesquisa, integrando-se ao movimento da pesquisa (auto)biográfica (Passeggi, 2008). A partir daquele momento, até os dias atuais, o uso de memorial constitui-se como fonte biográfica de estudo em diferentes grupos de pesquisa no Brasil.

Para demarcar os diferentes usos e denominações, Passeggi (2008) propõe o termo memorial autobiográfico como uma designação genérica do uso desse tipo de escrita de si. Em função da demanda institucional e do processo de escrita, a autora distingue dois tipos de memorial: o acadêmico e o de formação. O memorial acadêmico é aquele elaborado por professores e pesquisadores com fins avaliativos para concorrer a concursos, subsidiar a ascensão funcional, ou outras funções institucionais; e o memorial de formação, que se refere aos memoriais escritos durante a formação inicial,

ou continuada; na conclusão do curso de graduação; ou nos cursos de pós-graduação. Para este estudo, tomou-se como fonte os memoriais como prática de formação.

O memorial de formação tem como centro das narrativas os processos formativos experienciados pelos sujeitos. Como escrita de si, aborda a vida do sujeito em formação, podendo ser tecido em diferentes formas, texturas e contextos, revelando uma subjetividade inscrita numa dinâmica relacional, em espaços, tempos e sujeitos diferentes, com histórias diferentes. Conforme Josso (2004, p. 42), na “escala da vida, o processo de formação dá-se por meio dos desafios e apostas nascidos da dialética entre a condição individual e a condição coletiva”. Há uma historicidade no exercício de escrita do memorial. Os sujeitos em formação, quando escrevem, não escrevem sozinhos, mas a partir das memórias, de onde emergem fatos e pessoas que estão inseridos em um tempo, numa história, cultura, em um mundo social e que contribuíram para a construção da pessoa que escreve.

As narrativas que compõem os memoriais são escritas a partir das experiências que emergiram da memória de narradores. São as experiências que atravessaram, tocaram e formaram/transformaram (Larrosa, 2002) a pessoa que se faz presente nos memoriais como testemunho de si. Josso (2004, p. 49) argumenta que nossas infinitas transações e vivências atingem a qualidade de experiências a partir do momento em que refletimos sobre elas, sobre o que passou conosco, o que observamos, percebemos e sentimos.

Para a autora, a experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural, comportando as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais. Nesse sentido, “as narrativas de formação permitem distinguir experiências coletivamente partilhadas em nossas convivências socioculturais e expe-

riências individuais, experiências únicas e experiências em série”.

## Percurso metodológico

Tomando como aporte teórico-metodológico a pesquisa autobiográfica, o *corpus* documental do presente estudo foi composto por 40 memoriais escritos por mulheres mestradas que compuseram as turmas II (2018), III (2019) e IV (2020), do Mestrado Profissional em Educação Profissional do ProfEPT.

A escrita do memorial de formação foi realizada no âmbito da disciplina de Seminários, no primeiro semestre das referidas turmas do mestrado. À época, foi proposto às alunas e aos alunos a escrita do memorial formativo sobre as experiências de vida e acadêmicas, incluindo o objeto de estudo escolhido para pesquisa e a implicação com a área do mestrado.

Ao concluírem o processo de escrita e discussão do memorial, alunas e alunos aceitaram o desafio de publicar seus memoriais, compondo, assim, três livros editados em anos consecutivos, com o título “Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos”, em três volumes: v. I (2019); v. 2 (2020); e v. 3(2021), os quais serviram de fonte para este estudo.

O número de memoriais selecionados correspondeu à quantidade de mulheres com memorial publicado em cada volume do livro, resultando em 10 memoriais do v.1; 17, do v. 2; e 13 memoriais do v.3, totalizando 40 escritas de mulheres.

A análise compreensiva interpretativa (Bertaux, 2010) realizada favoreceu a apreensão da dinâmica dos processos formativos das mestradas e das experiências enfatizadas. O processo de análise por duas etapas foi sugerido por Bertaux (2010), ou seja, a reconstrução dos fatos e interpretação dos acontecimentos. A partir da compreensão de que o indivíduo es-

creve sua história não apenas sobre o processo singular à sua existência, mas também sobre o ser social, membro de uma comunidade com modelos biográficos padronizados (Delory-Momberger, 2008), acredita-se que as mulheres, por pertencerem a uma sociedade que padroniza o modelo do ser feminino, têm suas vidas entrecruzadas em algum momento ou em alguns aspectos. Portanto, no processo de análise, foram identificados os elementos que representavam a história individual de cada mulher, como também as histórias comuns ao grupo.

Para ressaltar as diversas experiências do processo formativo, alguns momentos biográficos foram escolhidos como significativos para o grupo e representativos dos acontecimentos comuns. Por se tratar de documentação publicada, as mulheres citadas foram identificadas conforme consta nos memoriais que compõem os livros editados, no entanto, considerando o primeiro nome, o volume do livro correspondente ao memorial e o número da página, por exemplo: Danyelle (V3, p.112).

A partir de um olhar interpretativo compreensivo das narrativas, buscou-se conhecer as memórias das mulheres mestradas, atualmente mestras em educação profissional e tecnológica, ressaltando as experiências vivenciadas com o objetivo de obter formação e uma profissão; as dificuldades e os desafios, por serem mulheres em uma sociedade patriarcal com papéis e lugares pré-definidos para elas.

## Recordações referências: memórias de processos formativos de mulheres mestradas

Os relatos escritos nos memoriais registram uma dinâmica de formação, ao longo da vida, reveladora de “formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e

inventiva do pensar, do agir e do viver junto” (Josso, 2007, p.2), de mulheres que concordaram em relatar os caminhos trilhados para alcançar uma formação acadêmica. Cada mestranda imprimiu uma estética textual própria para escrever sobre seu percurso formativo. Algumas buscaram, na lembrança, músicas, poesias; autoras e autores, escritoras e escritores; para enaltecer uma experiência, ao lembrar de alguém; ou para refletir sobre uma ideia; e outras seguiram o estilo de escrita normatizada.

As primeiras leituras dos memoriais favoreceram a emergência de um perfil característico de quem são as mulheres representadas naqueles escritos e permitiram identificar um grupo diverso de mulheres, filhas, mães, esposas; servidoras públicas ou de empresas privadas; com formação e exercício profissional em diversas áreas e cargos, como: assistente social, bibliotecária, enfermeira, gestora, jornalista, nutricionista, pedagoga, professora, psicóloga, técnica administrativa, e técnica em assuntos educacionais, as quais, com diferentes identidades e histórias, tiveram suas vidas atravessadas pelo desejo de cursar o mestrado.

Do grupo de 40 mulheres que escreveram os memoriais, 11 não mencionaram a idade, em seus relatos, e as que mencionaram deixaram pistas para caracterizá-las como na faixa etária entre 27 e 55 anos, e a maior concentração entre 37 e 55 anos. São mulheres, na maioria, de origem cearense, com 16 que nasceram na capital, Fortaleza, e as demais em diferentes cidades do interior do Ceará, como: Horizonte, Iguatu, Independência, Itapajé, Maracanaú, Maranguape, Mombaça, Quixadá, Quixerê, Santa Quitéria, São Gonçalo do Amarante, Sobral, Uburetama e Umirim.

Apenas três informaram ter origens em cidades de outros estados do Brasil, a saber: Brasília/DF, Floriano/PI e Uiraúna/PB. Vale ressaltar que na época em que cursavam o mestrado, 29 residiam em Fortaleza/CE e as demais

em diferentes cidades do estado do Ceará, tais como: Acaraú, Aredandá, Iguatu, Independência, Quixadá, Ubajara e Uburetama.

Das narrativas, emergiram escritas reveladoras dos primeiros fios culturais que caracterizam o seu “eu no mundo”, situando o lugar de nascimento e dando importância ao pertencimento a um lugar e à filiação. A maioria das mulheres inicia suas narrativas traçando os fios do tempo passado, um “pré-tempo”, que se faz presente no momento da escrita e dá sentido à existência de cada uma. Conforme Lani-Bayle (2008, p. 305),

[...] nossa história posta em palavras (em “intri-gas”, segundo a expressão de Paul Ricouer, 1983) se inicia antes de nós: quando narramos, começamos geralmente por esses antes, e são esses antes-de-nós-mesmos que constituem nosso pré-texto. Ora, esse anterior não é inerte, ele se fez sem nós, mas ele nunca acaba de ter coisa a nos dizer, coisas que contribuem para nossa constituição.

As lembranças surgidas das memórias das mestrandas registram influências dos laços familiares, das mães, dos pais, de irmãos, irmãs, tios, tias, avós e avôs, os quais influenciaram na busca pela educação escolar e a acadêmica, ou em outras esferas da vida vivida. Vários outros sujeitos ainda foram lembrados, como professores, professoras, amigos, amigas e vizinhos. São os laços construídos no passado que se fazem presentes na pessoa que cada uma se tornou, pois, conforme assevera Dominicé (2010, p. 87), “aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda. Na narrativa biográfica, todos os que são citados fazem parte do processo de formação”.

Bruna (V2, p. 62-63) faz uma reflexão sobre a família, cujo sentimento pode ser percebido em outros memoriais nos quais foram citados os laços de parentesco como influenciadores do processo de formações humana e escolar.

Ressalta o papel das mulheres de sua família, fato evidenciado na maioria dos memoriais:

[...] e, não somente a família, mas as mulheres que compõem a minha família sempre foram decisivas em todas as etapas e aspectos da minha vida [...] A inspiração para esse texto nasce da história de vida de uma mulher, mãe, pobre, analfabeta, que enfrentou triplas jornadas de trabalho para conseguir chefiar uma família, sendo, dessa maneira, inteiramente responsável pela educação e reprodução material dos filhos. Essa foi a realidade que marcou a vida adulta da minha avó, Isabel Alves de Paula.

Vale ressaltar que a maioria das mulheres pontuou a origem em “família humilde”, cujos pais e mães “não mediram esforços” para garantir escolaridades para as filhas e os filhos, bem como tal realidade proporcionou experiências conflituosas, desafiadoras, além de experiências de superação e esperança.

Oriunda de uma família de funcionários públicos, sempre tive dificuldades na aquisição de livros, pois a falta de condições financeiras impedia meus pais de comprarem material didático diversificado, que poderia contribuir para o meu conhecimento e aprendizado (Ana Virgínia, V3, p.21).

Início minhas memórias relatando que sou filha única, de pais que, apesar de possuírem poucos recursos financeiros, [...] Ao jeito deles, e na medida em que puderam, meus pais não mediram esforços para nos oferecer a oportunidade que não tiveram de estudar. Mamãe é analfabeta e papai é apenas alfabetizado (Ana Mirta, V2, p. 25).

Somos de origem humilde; meus pais cresceram na zona rural, e não tiveram muitas oportunidades de estudar. Minha mãe fez o Ensino Fundamental, como hoje é chamado; e meu pai foi apenas alfabetizado (Ednária, V 3, p. 119).

As memórias que pretendo trazer neste texto são parte do que hoje me faz uma forte e persistentemente sonhadora. Minha vida interiorana, experimentada dentro de uma família humilde, me oportunizou vivenciar e superar muitos desafios e continuar esperançosa por

dias melhores. Muitos desses dias já chegaram (Brena, V 2, p. 53).

Meus pais, que concluíram apenas o antigo ensino primário, e sempre enfrentaram muitas dificuldades financeiras, estavam em uma situação bem complicada pela frágil situação econômica em que o país se encontrava. Entretanto, eles sempre lutaram para oferecer a mim e ao meu irmão as melhores condições nos estudos (Edilene, V 1, p. 83).

Não era fácil, em uma família numerosa, no total de 11 filhos, proporcionar uma boa educação para todos. Meu pai tentou de todas as formas nos manter na escola [...] Filha de pais analfabetos, ele, servente de pedreiro e vendedor autônomo; ela, costureira, com um conhecimento técnico aprendido autodidaticamente, pois não havia sido alfabetizada para frequentar um curso formal, trabalhava em casa [...] (Regina, V1, p.112).

Alguns estudos, que envolvem história de vida e formação, ou autobiografia e formação, têm pontuado vínculos familiares nas escritas de si, em suas diferentes formas, e os mais mencionados nas histórias narradas. Nos memoriais analisados, a família é retratada como exemplo de força, perseverança, amor e cuidado e, mesmo que em alguns relatos sejam ressaltadas a ausência do pai, a força da mãe solo, com ou sem a figura de avós cuidadores, com ou sem conflitos, esses laços estão exaltados. Josso ([200?], p. 3) argumenta que “a força desses laços de parentescos se expressa nos laços de lealdade e fidelidade às suas origens e se manifestam não apenas na preservação de relacionamentos mais ou menos ritualizados, mas também nas crenças adotadas” (tradução nossa)<sup>2</sup>.

Um dos aspectos que emergiram das compreensões analíticas sobre as experiências de

vida que caracterizam o grupo de mulheres foi a mobilidade residencial. A maioria relatou experiências de mudança para outras cidades ou estados, seja na infância ou adolescência, por motivo de trabalho dos pais, ou separação; seja na juventude ou idade adulta, por necessidade de migrar para cursar uma graduação; assumir um emprego; ou cursar a pós-graduação, como faziam as mestradas que residiam ou residem em cidades ou estados distantes de Fortaleza/CE, onde cursavam o mestrado.

Minha família e eu somos cearenses, naturais do município de Iguatu, porém, meus pais, nos anos 1980, foram em busca de novas oportunidades na cidade de Porto Velho, Rondônia, onde cursei até a 8ª série (Danyelle, V 3, p.112).

Na adolescência, já no segundo ano do Ensino Médio, meus pais precisaram mudar de cidade, por motivo de trabalho. Deixamos para trás a Pajuçara, com todas as problemáticas familiares e pessoais, da época, animei-me em construir um novo caminho nesta cidade de Horizonte (Leonara, V 3, p. 233).

Assumir meu primeiro emprego como nutricionista foi um misto de alegria e tristeza, pois, pela primeira vez, tive que sair de casa para morar fora, em uma região desconhecida e praticamente sem conhecer ninguém, pois só tinha uma amiga que morava em Crato/CE e me ajudou a conseguir um local para morar lá e vinha todos os dias para Farias Brito (Ednária, V 3, p. 128).

[...] Diariamente, me desloco 55 (cinquenta e cinco) quilômetros até o local de trabalho, agora, mais 700 (setecentos) quilômetros - ida e volta - para assistir aula toda sexta-feira (Sheila, V 2, p. 277)<sup>3</sup>.

A realidade vivenciada por algumas dessas mulheres associa-se ao fato social da migração interna, que é a saída das pessoas da cidade em que residem para outra, em busca de melhores condições de vida, na maioria das vezes

2 No original: “La force de ces liens de parenté s’expriment dans les liens de loyauté et de fidélité qu’ils engendrent et qui se manifestent non seulement dans la préservation de relations plus ou moins ritualisées mais également dans les convictions adoptées” (Josso, [200?], p. 3).

3 Ao ressaltar o deslocamento “toda sexta-feira para assistir aula” a mestrada refere-se à aula do mestrado ProfEPT, que acontece sempre às sextas-feiras.

por condições econômicas. Um grupo de mes-trandas relatou a migração na vida adulta pela necessidade de assumir um cargo numa instituição pública em outra cidade, para o qual todas foram selecionadas por concurso.

## Caminhos em busca da graduação e da pós-graduação: no meio do caminho, havia um trabalho e ...!

Estudos sobre histórias das mulheres, como os de Rosemberg (2013); Fialho e Duke, (2019) pontuam que, nas primeiras décadas do século XIX, já existiam aquelas que se indignavam diante da falta de representatividade e lutavam por seus direitos como sujeitos da história; que se indignavam quanto à incipiente educação feminina. Somando-se a luta por escolarização básica à luta por educação superior, conclui-se que as mulheres trilharam um longo caminho até conseguir permissão para cursar o ensino superior. Embora, em 1879, a Lei Leôncio de Carvalho tenha garantido às mulheres o acesso ao ensino superior, apenas em 1887, 79 anos após a criação da primeira Instituição de Ensino Superior (IES), no Brasil, Rita Lobato Velho Lopes graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, tornando-se a primeira mulher a receber o diploma de graduação no Brasil (Rosemberg, 2013).

Dois séculos depois, as mulheres compõem o maior índice de pessoas com diploma de graduação; têm direitos adquiridos; ocupam os diversos lugares que desejavam e lutaram para ocupar. No entanto, devido à multiplicidade de demandas que enfrentam no dia a dia, ocupar e permanecer nos espaços de formação superior não é uma agenda fácil, principalmente para as mulheres da classe trabalhadora, como é a maioria das mestrandas autoras dos memoriais analisados no presente estudo.

A busca por uma graduação foi relatada pelo grupo como uma experiência não apenas

subjetiva, revelada pelos sentimentos e emoções vivenciados, ora pela dificuldade para o acesso, ora pela alegria de realizar o sonho de fazer uma graduação, como também uma experiência norteadora por vieses social, econômico e político. Experiências desenhadas pelas dificuldades enfrentadas para serem aprovadas em uma graduação, seja pelas baixas condições econômicas da família, por falta de políticas públicas para promoção democrática de acesso ao nível superior, ou pela falta de informação e de conhecimento, por sua vez, gerada pela realidade social vivenciada pela maioria das mulheres no momento de concorrer a uma vaga na universidade, conforme os seguintes relatos representativos:

O ingresso no Ensino Superior não era debate corriqueiro e frequente, até porque não havia facilidades como há nos dias de hoje. Entretanto, quando algum aluno alcançava o mérito de ingressar em uma universidade, mesmo particular, a escola se vangloriava e exaltava o acontecido (Ana Virgínia, V 3, p. 21).

Fiz o curso de Pedagogia em regime especial – Licenciatura Plena, entre os anos de 2002 a 2004 pela Universidade Vale do Acaraú. A Prefeitura Municipal de Fortaleza pagava cinquenta por cento do valor da mensalidade que custava R\$ 120,00 e eu complementava o restante (Rejane, V2, p. 227).

Não havia muitas informações, ou cursos preparatórios para vestibular, nas escolas. Concluir o Ensino Médio já significava uma vitória, por isso, busquei por conta própria uma maneira de me preparar. Comecei a frequentar a banca de jornal quase diariamente, na hora do almoço, à procura por informações sobre o vestibular (Antônia de Fátima, V3, p. 60).

[...] Comecei a procurar emprego para poder pagar mais uma vez, um cursinho pré-vestibular [...] Trabalhava das 7h às 17h, mas geralmente ficava até às 18h para aproveitar a carona para o cursinho, que começava às 19h e se estendia até as 22h. Lembro-me das vezes que ia cochilando no ônibus para casa, chegava geralmente às 23h, e estava tão cansada que, muitas vezes,

nem jantava, mesmo tendo feito a última refeição às 17h30. Era muito cansativo (Ednária, V3, p. 123).

Ao retomar o momento de entrada na universidade, as lembranças dos laços familiares pontuadas no início das narrativas retornam e as emoções do pai e da mãe pela vitória alcançada pelas filhas emergem naquele tempo/espaço da escrita, quando algumas mestradas relatam a busca por uma graduação e enfatizam a alegria e o orgulho de si naquele momento.

Eu tinha conseguido! A minha conquista tinha chegado e todo esforço tinha sido recompensado. Como não usava celular, saí às pressas na tentativa de chegar em casa o quanto antes e dividir essa alegria. Mais uma vez meus pais sentiram a satisfação de dever cumprido. As duas filhas mais velhas ingressaram em uma universidade pública federal. Era digno de muito orgulho e felicidade! (Ednária, V3, p. 124).

A primeira filha a ingressar em um curso de nível superior, em uma Instituição pública, foi motivo de muito orgulho! (Leonara, V3, p. 235).

Foi uma grande alegria, sobretudo para meu pai, mesmo sem ser para o curso desejado. A primeira das quatro filhas do trabalhador assalariado, finalmente, ingressaria na universidade pública e de qualidade. Que vitória. (Antônia de Fátima, V3, 61).

As dificuldades enfrentadas pela maioria das narradoras para conseguir ingressar na universidade foram ampliadas na experiência pós a aprovação no curso superior. Naquele momento, às dificuldades, foi acrescida a relação trabalho e estudo, e a mobilidade urbana de péssima qualidade, gerando cansaço físico e esgotamento mental. Uma das mulheres pontuou o medo da violência, em um momento de greve de professores, quando a universidade ficava vazia e sem apoio de poder público, ela e as demais estudantes mulheres faziam mutirão para ir ao banheiro, principalmente para tomar banho, como ela ressalta “Não ficáva-

mos sozinhas em lugar nenhum. O medo da violência urbana dentro e fora [...] era extremo” (Carla Joyce, V3, p.76). E acrescentou outra dificuldade devido à distância entre seu ponto de saída e a universidade, pontuando um dos problemas das metrópoles brasileiras: a mobilidade urbana.

Em 2006, ingressei na graduação em Licenciatura Plena de Educação Física na Uece. De início, confusa e perdida, mas com um sentimento de gratidão enorme, que me motivava todos os dias para pegar o ônibus Paranjana. O ônibus estava sempre superlotado e com rota longa: do Antônio Bezerra para o terminal da Lagoa, terminal da Parangaba e, enfim, a Uece (Carla Joyce, V3 p.76).

O período de ingressar na universidade, para muitos jovens brasileiros pobres, ou de classe média baixa, coincide com a fase da necessidade de entrar no mercado de trabalho para ajudar aos pais no sustento da família, ou deles próprios. Resultado dessa realidade é a entrada tardia no curso superior, ou nenhum acesso, e ao conseguir entrar em uma universidade, ou faculdade, a permanência é garantida com muito esforço, persistência, cansaços físico e mental, e, em outros casos, ocorre a desistência. Nos relatos da maioria das mulheres, principalmente as que pontuaram ser de origem humilde financeiramente, observa-se o difícil caminho para ter acesso à graduação e os dilemas entre investir no curso de graduação e a necessidade de trabalhar.

Aos 17 anos, não tinha muito bem definido qual carreira gostaria de seguir, até pela consciência da falta de oportunidades, de que adiantava desejar fazer esse ou aquele curso, se não havia na cidade e a minha família não tinha condições de me manter na capital, ou até mesmo em outra cidade, para dar prosseguimento aos estudos? (Marttila, V3, p. 282).

Fui aprovada na Universidade Federal do Ceará (UFC), no vestibular da virada do milênio [...]. Infelizmente, nesse período, perdi a oportuni-

de de me envolver mais no universo acadêmico, porque iniciei minha vida profissional muito cedo. Em 2001, comecei a lecionar no turno da manhã; à tarde, estava na faculdade, à noite, tentava conciliar as demandas acadêmicas e profissionais (Jailene, V3, p. 185-186).

A minha trajetória acadêmica e profissional foi percorrida em um zigue-zague baseado na necessidade de ter um trabalho para prover o meu sustento e ao mesmo tempo estudar para progredir academicamente e alcançar melhorias cada vez mais (Daniela, V2, p.101).

A situação financeira da minha família, à época, me impossibilitava de ser estudante profissional. Com isso, trabalhava o dia todo e à noite frequentava a universidade. Utilizo o vocábulo “frequentava” porque nem sempre a concentração e o aprendizado venciam o cansaço físico e o esgotamento mental. A vontade de abandonar o curso pairou diversas vezes, em minha cabeça, porém o CH e meu grupo de amigos me fortaleciam na luta pela permanência (Rafaela, V3, p. 313).

Da realidade de onde vim, conseguir passar na UFC, no primeiro vestibular, foi um feito enorme. Foram cinco anos de graduação imersa no universo geográfico. [...] Só foi possível a minha permanência e conclusão do curso, que era diurno, devido ter sido aprovada no concurso público da Prefeitura Municipal de Fortaleza, no mesmo ano que passei no vestibular (Anatália, V2, p. 47).

A força e o sentimento delas, diante das dificuldades, são representados pela expressão utilizada por Antônia de Fátima (V3, p. 61) em um dos tópicos de seu memorial: “Desistir jamais: as melhores perspectivas e o porvir”, em que ela relata a desejada vitória ao ingressar em uma universidade pública após três tentativas, sem sucesso, assim como outras mulheres.

No mesmo ano, me submeti ao certame na Universidade Estadual do Ceará (Uece) e fui aprovada para o curso de licenciatura em História. Foi uma grande alegria, sobretudo para meu pai, mesmo sem ser para o curso desejado. A primeira das quatro filhas do trabalhador assa-

lariado, finalmente, ingressaria na universidade pública e de qualidade. Que vitória! (Antônia de Fatima, V3, p. 61).

[...] mesmo tendo concluído o técnico de nível médio 10 anos atrás, eu fui aprovada em 6º lugar em uma universidade conhecida por ter um dos mais difíceis vestibulares do país e em duas fases! (Clauthenys, V2, p. 89).

Concluída a graduação, como colocado por Anatália (V2, p. 48), “meus horizontes se alargaram e novas oportunidades surgiram”. Nesses horizontes que se abrem para alguns sujeitos, um dos caminhos que se almeja percorrer é exercer uma profissão para a qual se encontram habilitados e que, para muitas mulheres, coincide com outras experiências de vida. Nos relatos, observa-se um ciclo de vida intenso, de reflexões, medo e alegrias, de busca e recomeços, como, em um certo momento, uma aluna reflete “Muitas vezes tenho a sensação de que deixei pelo caminho algumas obras inacabadas e me pergunto o porquê de tantos recomeços” (Ana Paula, V3, p. 36). Ciclo de vida aqui representado por diferentes experiências vivenciadas. Algumas relataram a experiência de se prepararem para concursos; de cursar outra graduação; de mudanças de emprego; outras ressaltaram mudanças de residências; experiências de perda de ente familiar; experiência de casar-se; experiência da primeira maternidade; e do desejo de continuar estudando e, portanto, cursar o mestrado.

Com a intensidade da vida adulta e com o acúmulo de papéis que lhes são atribuídos socialmente, o tempo passa a ser uma “categoria analítica”, na vida das mulheres, para conseguirem conciliar as diferentes atividades, funções, papéis, desejos e sonhos de vida, e para as mulheres sujeitas deste estudo, o caminho para continuar os estudos, e, naquele momento, a busca por um mestrado, apresentou-se difícil de percorrer, devido aos desafios a enfrentar, desde a seleção até o conclusão; um deles, o tempo!

Queria fazer o mestrado, mas o tempo sempre foi um obstáculo que me fazia repensar: Será que conseguiria conciliar o trabalho com as atividades do mestrado? (Ednaria, V3, 134).

Devido à dedicação exclusiva ao trabalho, não consegui organizar uma rotina de estudos para ingressar no mestrado acadêmico, além do fato de não ter participado efetivamente de atividades de pesquisa na universidade, pois sentia muita dificuldade no processo de elaboração do projeto de pesquisa (Jailene, V3, p.188).

Contudo, depois de analisar minhas conjunturas familiar e laboral, senti que ainda não era o momento e recuei, com a decisão de que participaria da seleção do ano seguinte... Em 2020, encontrei uma realidade, pessoal e profissional, propícia para realizar o sonho de ingressar em um mestrado (Leonara, V3, p. 243).

É difícil para uma professora da rede de ensino da educação básica, diante das condições de trabalho existentes, até a presente data, conciliar as atividades de lecionar e pesquisar, porém, é extremamente necessário, para a prática docente, tal ato (Anatália, V2, p. 50).

Em um contexto que historicamente excluiu as mulheres do direito à educação básica e em se tratando do nível de pós-graduação, cujo acesso torna-se mais difícil devido à estrutura e ao perfil desse nível de formação, que requer exclusividade de tempo para estudos e, no entanto, ainda não dispõe de bolsas de estudo suficientes para os estudantes, pode-se dizer que as dificuldades para se prepararem, ou se dedicarem aos estudos, devido à falta de tempo para conciliar o curso, a família e profissão, não é uma realidade singular das mestrandas narradoras sujeitas do presente estudo, mas é experienciada por outras mulheres na sociedade brasileira.

## Educação, trabalho, maternidade e desigualdade de gênero: desistir ou resignificar?

No Brasil do século XX, com o processo de ur-

banização e industrialização, um contingente de mulheres passou a ocupar o mercado de trabalho. A entrada no mundo do trabalho não representou apenas uma necessidade econômica, mas de importância por suas “consequências sociais, tais como: transformações nas expectativas de realização pessoal e profissional, independência financeira, a alteração nas relações familiares e entre a mãe e os filhos, etc.” (Simões; Hashimoto, 2012, p. 9). Nesse contexto, a popularização do anticoncepcional, com o qual a mulher adquiriu o poder de decidir o momento certo para ter filhos, ou não, exerceu um papel fundamental no planejamento profissional e da vida familiar.

Historicamente, as mulheres vêm se reinventando em busca de estratégias para viver com qualidade e administrar seus vários papéis e funções: trabalhadora, mãe, companheira, filha, amiga, e o que mais elas quiserem ser. As mudanças levaram as mulheres a alcançarem conquistas diversas, dentre elas, alguns direitos garantidos, em busca da igualdade de gênero. Na atualidade, observa-se crescente número de mulheres ocupando espaços públicos diversos e exercendo funções antes destinadas apenas aos homens. No entanto, dados estatísticos demonstram que ainda será preciso travar outras lutas, a caminho da igualdade de gênero.

De acordo com Daniele Almeida, repórter da Agência Brasil, o 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios, de 2024, revelou que as mulheres ganham, em média, 19,4% menos do que os homens. A repórter acrescenta que, conforme o grupo ocupacional, a diferença pode variar ainda mais, como, por exemplo, em cargos de dirigentes, a diferença de remuneração chega a 25,2% (Almeida, 2024).

Em uma sociedade marcada pelo patriarcado, a maternidade pode ser usada como um marcador para justificar a desigualdade de gênero/exclusão das mulheres no mercado de trabalho.

De acordo com pesquisa realizada em 2016, por Cecília Machado e Valdemar Pinho Neto, publicada em inglês e divulgada pela Fundação Getúlio Vargas, “após 24 meses, quase metade das mulheres que tiram licença-maternidade está fora do mercado de trabalho, um padrão que se perpetua inclusive 47 meses após a licença. A maior parte das saídas do mercado de trabalho se dá sem justa causa e por iniciativa do empregador” (Pinho Neto, [2024]).

A maternidade, como um marcador para a desigualdade de gênero, também é evidenciada na relação gênero e educação. De acordo com estatísticas da Pesquisa por Amostras de Domicílio (Pnad), 2023, dos 41,7% de jovens com idades entre 14 e 29 anos, com nível de instrução inferior ao médio completo, apontaram a necessidade de trabalhar como fator prioritário para terem abandonado ou nunca frequentado a escola. Dentre eles, 53,4% são homens e 25,5% mulheres. No entanto, as mulheres apontaram como segundo motivo a gravidez (23,1%). “Além disso, para 9,5% das mulheres, os afazeres domésticos ou o cuidado de pessoas foram o principal motivo para terem abandonado ou nunca frequentado escola, enquanto, entre homens, este percentual foi inexpressivo (0,8%)” (Bello; Britto, 2024, s. p.).

A maternidade também impacta significativamente as carreiras acadêmica e profissional de mulheres que fazem graduação e pós-graduação. Pesquisa realizada pelo Movimento Parent in Science revela que as mulheres que optam por carreira científica, após o nascimento de filhos, têm a produtividade prejudicada, diminuindo o número de publicações durante os primeiros anos de vida das crianças (Carpes *et al.*, 2022). Além disso, elas têm 38% menos chance de ocupar cargos estáveis em todas as áreas de conhecimento (UFJF, 2024).

O cuidado com familiares e a gravidez são realidades encontradas nos memoriais de algumas mulheres que relataram momentos

quando assumiram funções destinadas historicamente como papel da mulher, seja desde criança, como lembrado por Michele (V1, p. 73): “Ainda pequena, mesmo mais nova que os irmãos homens, assumia a responsabilidade de ajudar a minha mãe a cuidar dos irmãos e da casa”, ou na idade adulta, quando precisaram decidir entre exercer seu papel de filha ou de mãe, em detrimento de seu projeto de estudo e buscaram ressignificar o momento, seguir adiante e retomar seu projeto.

[...] Nesse período fiz a seleção para a Escola 36 Técnica Federal do Ceará (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE) para o Curso Técnico em Química. Frequentei um semestre/período e acabei abandonando após me casar aos 21 (vinte e um) anos e ter a minha primeira filha (Ana Paula, V2, p. 36).

Durante o curso casei-me e, em outubro de 2006, Lucas nasceu. Diante da nova configuração familiar, alguns ajustes precisavam ser feitos. A vida vai colocando suas prioridades e a faculdade teve que esperar um pouco, diante da maternidade (Dheysa, V2, p.130).

[...] No entanto, o destino me trouxe outros planos e a minha vida estudantil foi interrompida por uma gravidez não planejada (Ana Mirta, V2, p. 24).

Mesmo muito abalada, tentei conciliar as demandas profissionais com os cuidados com a família e as atividades de produção acadêmica. Devido aos cansaços físico e mental, comecei a me desvincular de algumas atividades, para ficar ao lado do meu pai (Jaillene, V3, p. 191).

Minha gravidez se deu em meio a uma rotina fatigante de trabalho, de estudo e de afazeres domésticos, o que não me impediu de vivenciar esse momento como único e especial (Brena, V2, p. 57).

Essa era a primeira edição do ProfEPT à qual me candidatei, pois, quando o programa surgiu, eu estava grávida e nas edições seguintes meu filho ainda era muito pequeno, de forma que não queria me ausentar física e emocionalmente dos cuidados maternos (Martilla, V3, p. 290).

Com algumas vitórias alcançadas no processo de lutas por igualdade de gênero, observam-se mudanças na estrutura das famílias, nas relações de gênero, e, com isso, nos papéis que homens e mulheres desempenham atualmente em alguns modelos familiares. No entanto, mesmo em algumas realidades, nas quais mulheres compartilham experiências com os homens, como lembrado por Anatália (V2, p.49): “Com a ajuda do meu esposo, [...] consegui me adaptar às transformações [...]”. E por Ana Mirta (V2, p.30): “Essa vitória era também um sonho do meu companheiro de caminhada [...] o qual sempre me incentivou”. Geralmente, a mulher é quem abdica de participar de outros espaços sociais, ou interrompe por um tempo, para cuidar e educar o(a) filho(a), ou agrega papéis e atividades, como cuidar da casa, de filho(a), trabalhar, estudar, dentre outras tarefas.

Por outro lado, tem-se alcançado vitórias no que se refere às políticas públicas que garantam o direito às mulheres mães a continuar estudando após terem filhos, como a licença maternidade e a prorrogação do prazo das bolsas de estudo, que, no mês de julho de 2024, teve o prazo ampliado de 120 dias para 180 dias, para casos de nascimento ou adoção de filho. No entanto, outras ações são necessárias, para garantir a permanência das mulheres nos cursos e obter sucesso na carreira científica, como as pontuadas pela jornalista Flávia Lopes, em entrevista dada ao jornal da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, “creches, contraturno escolar, garantia de acesso a alimentação de dependentes, moradia estudantil adequada para dependentes, espaços com acolhimento infantil em eventos acadêmicos, flexibilização de prazos e abono de faltas para acompanhamento de consultas” (UFJF, 2024).

## Experiências formativas ou aprendizagens outras

Segundo Larrosa (2002, p. 26), experiência é o

que nos forma, nos transforma e “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Os relatos contidos nos memoriais revelam os caminhos que cada mulher percorreu e percebe-se as transformações de si, ao longo do tempo, por meio das decisões, de enfrentamentos dos conflitos e das alegrias vivenciadas que experienciaram em diferentes fases da vida, em busca de formação. Como conclui Rebeca (V1, p. 99): “Desde a graduação aprendi a aceitar e compreender que o único aspecto permanente de nós mesmos é a mudança. E abraçar todas as possibilidades de realização da nossa passagem pede uma postura aberta ao novo e ao desconhecido”.

As experiências vivenciadas ao longo dos caminhos percorridos foram experiências formadoras que constituíram o processo de construção de si e de sentidos na formação das mulheres mestradas. Observa-se, nos memoriais, a importância dada a cada momento vivenciado. As transformações, as novas oportunidades advindas da formação acadêmica, são ressaltadas em diversos memoriais. São aprendizagens outras construídas nos espaços formativos. Tomamos como representativas as falas das seguintes mulheres:

A graduação me colocou frente a possibilidades e escolhas que, se aconteceram anteriormente, foram no inconsciente. Hoje, olhando para trás, vejo na profissional, que saiu da graduação, mais segurança, com uma condição maior de dizer: estou aqui, mas quero chegar lá... (Claustens, V2, p. 92).

As vivências do movimento estudantil foram fundamentais para a minha formação cidadã e me proporcionaram uma visão mais crítica sobre a própria comunicação (Manuella, V2, p.197).

Meu crescimento profissional é fruto da minha persistência em buscar atingir meus objetivos, consciente de que pude contar com pessoas e oportunidades ao longo da minha trajetória até chegar aqui (Anatália, V2, p. 51).

Ao não desistirem da luta por acesso à graduação e pós-graduação, as mulheres não apenas transformaram a vida profissional, pois todas exercem formalmente uma profissão, como também construíram uma percepção do papel que a educação exerce na vida delas e uma ideia de educação transformadora e libertadora.

Aponto ainda, o lugar de destaque que a educação ocupa em minha vida, como via de formação e transformação, o que reafirmo todos os dias nas vivências da sala de aula. Acredito no espaço escolar como necessário para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento de capacidades e preparação para o exercício consciente e crítico da cidadania (Brena, V2, p. 60).

Para as pessoas menos favorecidas economicamente, que vivem em comunidades carentes, sem nenhum incentivo, estudar é um ato de coragem (Daniela, V2, p. 99).

Devo a educação toda à minha evolução, por meio desta fui me transformando e melhorando, e ao fazer esse movimento de buscar o melhor, fui transformando muitas outras vidas (Rejane, V2, p. 229).

Estudar é libertador na nossa vida porque nos provoca experiências diversas, nos faz construir pontes para intervir com mais sabedoria nas situações que se apresentam no ambiente escolar. Acredito no poder transformador da educação (Sílvia, V2, p. 286).

As experiências educativas estiveram no centro da vida das mulheres aqui ressaltadas, contribuindo para construir uma concepção de educação transformadora e libertadora. Observa-se que o sentido da formação que as mulheres imprimiram em seus memoriais foi de formação como possibilidade de serem sujeitos de direito e desejo, com possibilidade de ocupar os lugares que elas desejem ocupar e de cuidar de si. No entanto, o processo de formação de si não se caracterizou apenas como um processo individual, pois o outro esteve presente em diferentes momentos relatados.

As transformações vivenciadas ocorreram em um cenário com diversas influências, seja dos pais, que não mediram esforços para garantir os estudos, seja de parentes, vizinhos, do namorado, marido, da professora, ou professor, que permaneceram ao lado, colaborando, de formas diferentes, no processo de busca do conhecimento e crescimento pessoal.

## Considerações finais

Compreender o sentido da formação acadêmica, para algumas mulheres mestradas, tomando como base as experiências formativas relatadas em seus memoriais de formação, proporcionou o conhecimento de histórias de vidas construídas por uma dinâmica de espiral ascendente na busca por conhecimento.

Para compreender as experiências das mulheres mestradas sujeitas do presente estudo, analisamos experiências *a posteriori* e *a priori*, conforme indica Josso (2004). Identificamos as situações vivenciadas que não foram provocadas por elas, mas que precisaram experienciar, como: a origem familiar, as condições econômica e política, as implicações decorrentes das desigualdades de gênero. Analisamos também as experiências vivenciadas propositalmente, como: não desistir dos sonhos, lutar por formação, criar estratégias de resistência, ou seja, “fazer a experiência” e, por último, identificamos momentos em que elas refletiram sobre as experiências vividas. Nos momentos em que registraram sua opinião sobre algum acontecimento, relataram tomadas de decisões e atitudes diante da realidade vivenciada e concretizaram a virada de chave para sua vida seguir adiante, como: fazer seleção para algum curso; estudar para concorrer a uma carreira profissional e melhorar de vida economicamente; bem como concorrer a uma vaga no mestrado.

As narrativas que constituíram o *corpus* deste estudo deixaram pistas para a compreensão de que, aquelas mulheres, individual

e coletivamente, desafiaram os limites históricos, econômicos e culturais, transgredindo a realidade posta a elas por serem mulher e criaram formas de lutas “outras”, que podem servir de contributos para mulheres diversas. A reflexão da Bruna (V2, p. 70) traz implícito o sentido do processo formativo que elas viveram, com o qual finalizamos nossa conclusão: “Conquistamos espaços e oportunidades que inexistiam para mulheres em nosso meio, para nossas mães, avós e irmãs, mas temos o dever de, coletivamente, construir o espaço para as filhas de todas as trabalhadoras”.

## Referências

ALMEIDA, Daniele. Mulheres ganham 20% menos do que homens em mais de 50 mil empresas. *In: Agência Brasil*, 18 set. 2024. Disponível em: . Acesso em: ago. 2024.

BELLO, Luiz; BRITTO, Vinícius. Uma em cada quatro mulheres de 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupada em 2023. *In: Agência IBGE*, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>. Acesso em: ago. 2024.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Mulheres são apenas 1/3 de pós-graduandos em ciências exatas e tecnológicas e têm financiamento menor. *Agência Câmara de Notícias*, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/990915-mulheres-sao-apenas-1-3-de-pos-graduandos-em-ciencias-exatas-e-tecnologicas-e-tem-financiamento-menor/>. Acesso em: fev. 2024.

BRASIL. Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. *IBGE educa*. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>. Acesso em: fev. 2024.

BRASIL. INEP. **Saiba mais sobre o panorama das mulheres na educação básica**. Publicado em 8 mar. 2024, 8h02. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/saiba-mais-sobre-o-panorama-das-mulheres-na-educacao-basica>. Acesso em: jul. 2024.

CARPES, Pâmela Billig Mello; STANISCUASKI, Fernanda; OLIVEIRA, Leticia de; SOLETTI, Rossana C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. *Epidemiologia e Serviço da Saúde*, v. 31, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/c7TkCBBBsYtF7nhnsDmZ83n/?lang=pt#>. Acesso em: out. 2024.

DELORY-MOBERGER, Christine. **Biografia e educação**. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João G. da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mattias. O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN, 2010.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; DUKE, Dawn (orgs.). Apresentação. Dossiê: mulheres na história da educação: formação e profissionalização. *Educação*, Unisinos, v. 23, n.1, São Leopoldo, jan./mar. 2019. Epub, 18 jun. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-62102019000100003](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102019000100003). Acesso em: ago. 2024.

HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. *Aprender – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação, Vitória da Conquista, Ano XII, n. 20, p. 9-21, jul./dez. 2018.*

IFCE. Pró-Reitoria de Administração. **Anuário estatístico 2022** - ano base 2021. Fortaleza: IFCE, 2022. Disponível em: <https://ifce.edu.br/instituto/anuario-estatistico/ANURIOESTATSTICO20222021.pdf>. Acesso em: jul. 2024.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. Trad. José Claudino e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie Christine. **Les figures du lien dans les recits de formation**: liens formateurs, déforma-

teurs et transformateurs. [200-?]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdwQC6LGVHJWX-Nb9753R/?lang=fr&format=pdf>. Acesso em: jul. 2024.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, v. 3, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: jul. 2024.

LANI-BAYLE, Martine. Histórias de vida: transmissão intergeracional e formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Coleção (Auto)Biografia/Educação. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Gerald. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, abr. 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal, RN:EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINHO NETO, Valdemar. **Mulheres perdem trabalho após terem filhos** [2024]. Disponível em: <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>. Acesso em: ago. 2024.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educadas e a educação das mulheres. In: PINSK, Carla B.; PEDRO, Joana M. **Nova**

**história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, 11: p.89-98, 1998. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>. Acesso em jul. 2024.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil, n. 2, ano I, out. 2012. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar>

SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiência e formação. In: PASSEGGI, Maria da C.; SOUZA, Elizeu Clementino de. (org.). **(Auto)biografia**: formação, território e saberes. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

UFJF. Nova lei amplia licença-parental de estudantes para 180 dias. **UFJF Notícias**. 14 ago. 2024. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2024/08/14/nova-lei-amplia-licenca-parental-de-estudantes-para-180-dias/>. Acesso em: out. 2024.

Recebido em: 01/05/2025

Revisado em: 11/11/2025

Aprovado em: 12/12/2025

Publicado em: 19/01/2026

**Natal Lânia Roque Fernandes** é doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, com período sanduíche na Universidade do Porto-Portugal. Professora do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo da Educação- GIPEE e do Grupo de estudo em (auto)biografia, currículo e identidade - BIOGRACI. *E-mail*: [laninharoque@gmail.com](mailto:laninharoque@gmail.com)